

RESUMO CRÍTICO

Aline Santos da Silva¹, Beatriz Costa Gomes da Silva¹,
Dáwid Silva Oliveira², Eduardo Alexandre¹

¹ Curso de Administração pública – Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Arapiraca – AL – Brasil

² Curso de Ciência da Computação – Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Arapiraca – AL – Brasil

1 ACERCA DA OBRA

Em seu livro *O método 3: o conhecimento do conhecimento* (Morin, 1999), Edgar Morin apresenta uma antropologia do conhecimento que, ao abordar as condições bio-antropológicas das possibilidades do conhecimento, afirma que “o conhecimento do conhecimento requer um pensamento complexo, que requer necessariamente o conhecimento do conhecimento” (Morin, 1999: 257). O livro é dividido em nove capítulos, mais uma introdução geral e uma conclusão.

No que tange às conclusões, Morin destrincha as possibilidades e os limites do conhecimento. A princípio, ele defende que o conhecimento tem algumas vertentes, como a espiritual, a qual é a gênese do conhecimento humano, pois foi a partir dele que emergiu o desenvolvimento cerebral sendo este um conhecimento inerente a qualquer organização viva. A partir disso conclui-se que só pode viver com conhecimento. Na primeira hipótese afirma-se que a vida só pode organizar-se com e através da computação, já na segunda, o ser vivo só pode sobreviver num meio com e através do conhecimento desse meio. Sendo assim, conclui-se que o espírito humano só pode emergir numa cultura, e esta é inconcebível sem um cérebro, que é inconcebível sem inte-reto-poli-comunicações. O conhecimento humano é um quarteto: cerebral, espiritual, cultural e computante.

O conhecimento é produto e produtor, assim como é objetivo e subjetivo. Na sua subjetividade, dar-se pelo egogenossociocentrismo, já na sua objetividade está presente nas sociedades arcaicas e religiosas na operacionalidade e na eficácia no tratamento dos seus objetos. Sendo assim, desde a origem o conhecimento humano é inseparável da ação ao passo que é um elaborador de estratégias nada ao ser.

Muitas são as indagações a cerca do que diferencia o conhecimento humano do conhecimento animal, já que os dois se organizam por meio das percepções e rememorações, mas no caso do humano o que lhe diferencia é a capacidade associativa entre as atividades computantes e cogitantes as reproduz correlativamente. Desta forma, há possibilidade do conhecimento emancipar-se da vida humana, mas não de qualquer forma de vida. Isso justifica o fato de que o conhecimento produzido pelo computador parece-nos livre de qualquer subjetividade, mas não deixa de ser conhecimentos.

O conhecimento humano tem algumas vertentes como a inércia, a separação e a comunicação. Todo conhecimento separa e liga o sujeito e o objeto num universo comum assim retorna para perturbá-lo, sempre pelo partilhar, trocar e pela verificação. O conhecimento pressupõe a abertura e o fechamento do sistema cognitivo, pois, se não há separação entre sujeito e objeto não há nem utilidade de conhecer o interior nem a realidade exterior. O cérebro é de origem auto-eco-organizador, mas o desenvolvimento operou-se no interior da caixa craniana. Este órgão comunica-se com suas antenas sensoriais que abrem as vibrações do seu meio e pelo comportamento ativo que comanda.

Compreende-se com base nas escrituras de Morin que as representações, as ideias, palavras são traduções de traduções, o que remete ao mito da caverna defendido por Aristóteles. Assim, todo dispositivo conhece a realidade através da mediação tradutora de sinais, signos, símbolos. A filosofia ensina que o logos é a resultante de uma organização cognitiva operando com dados sensoriais.

Para Morin o conhecimento seria impossível num universo totalmente determinista ou totalmente aleatório. Ele só pode desenvolver-se e exercer-se num

universo em que haja dialógica de unidade/diversidade e de ordem/desordem/organização. Essas seriam as condições do conhecimento.

O conhecimento, com o passar do tempo, passa a ser melhor percebido. Entende-se que ele é limitado, pois citando que ele é ilimitado já o limita. Aquilo que permite o conhecimento também o limita e o que o limita também o possibilita. Porém pensar desta maneira não leva a incerteza, mas sim a construir um metaponto de vista, o do conhecimento do conhecimento.

Descobrir os limites, as incertezas se tornam claras, o conhecimento comporta, no seu princípio, relações de incerteza e, no seu exercício, risco de erro. Mas analisando de um ponto de vista lógico, para filósofos, a incerteza, a dúvida, é a chave para o conhecimento, é o incentivo a busca pelo saber.

2 CONCLUSÃO DO RESENHISTA

Edgar Morin apresenta uma antropologia do conhecimento que, ao abordar as condições bio-antropológicas das possibilidades do conhecimento, afirma que “o conhecimento do conhecimento requer um pensamento complexo, que requer necessariamente o conhecimento do conhecimento” (Morin, 1999: 257). No meu entender, o progresso no conhecimento do objeto deveria ser acompanhado de um progresso concomitante no conhecimento do sujeito cognoscente e de suas relações como objeto. Aqui, a radicalidade da percepção de Morin aparece mais claramente. Não seria mais possível um conhecimento de um objeto científico “puro”, por uma ciência relativamente isolada das demais; todo conhecimento científico deveria trazer em si mesmo estas duas faces, do subjetivo e do objetivo. Isto só seria viável, no meu entender, através de pesquisas interdisciplinares ou transdisciplinares, uma vez que a exigência da complexidade vai tanto na direção de uma compreensão cada vez mais ampla e aberta como também na direção de um rigor e de uma profundidade cada vez maiores.